

# O RIGOR NA PESQUISA FENOMENOLÓGICA COM ORIENTAÇÃO HEIDEGGERIANA

---

Ana Maria Monte Coelho Frota – Universidade Federal do Ceará

---

## Resumo

O método de pesquisa fenomenológica constitui-se em uma possibilidade de busca de conhecimento rigoroso, valorizando a experiência e o modo como o sujeito o significa, enfatizando o ser e a dimensão existencial do viver, buscando compreender sentidos e significados. Heidegger, e sua hermenêutica ontológica, apontam a possibilidade de busca de conhecimento a partir de uma *epokè* da própria consciência. Sinaliza que, para se conhecer uma realidade, é necessário entender a vida e seus fenômenos a partir de si mesmo e de suas próprias vivências. Deste modo, é a partir da existência que compreenderemos o ser-no-mundo. Somos e existimos no mundo da experiência, que se constrói à medida que existimos junto com ele. A partir desta crença, a narrativa nos serve como forma de acesso à experiência do sujeito, ao seu vivido existencial, refletindo a experiência humana, re-construindo-se e se re-configurando no momento em que é relatada pelo pesquisador. O fenômeno narrado afeta o ouvinte, que significa essa experiência a partir de seu próprio olhar. Aqui chego a Gadamer, e seu círculo hermenêutico, que propõem uma hermenêutica na qual a compreensão do fenômeno se encontra inteiramente entremeadado pelo outro, e pelos pré-conceitos deste outro .

**Palavras-chave :** fenomenologia, narrativa, hermenêutica

## Abstract

The qualitative methodology, unlike the quantitative approach, which ignores the individual dimension at the expense of universal value, values subjectivity and individuality of the subject. This investigation is based on data collected through social or interpersonal interactions, which are analyzed from the meanings that individuals and/or researchers attribute to the fact. The method of phenomenological research is in the possibility of rigorous pursuit of knowledge, valuing the experience and the way the subject means, emphasizing the being and the existential dimension of living, trying to understand their meanings. Heidegger, and his ontological hermeneutics, suggest the possibility of seeking knowledge from a *epokè* of the one's own conscience. Signals that to know a reality, it is necessary to understand life and its phenomenons from himself and his own experiences. Thus, it is from the existence that we can understand the being in the world. We are and exist in the world of experience that its build as we exist along with it. From this belief, the narrative serves us as an access to the experience of the subject in its

existential lived, reflecting the human experience, rebuilding and reconfiguring when it is reported by the researcher. The narrated phenomenon affects the listener, which means that experience from his own eyes. Here I come to Gadamer and his hermeneutic circle, which proposes a hermeneutic in which the phenomenon understanding is fully interspersed by the other and the preconceptions of others.

**Key Word:** phenomenology, narrated phenomenon, hermeneutic

A metodologia qualitativa, sem sombra de dúvidas, permite uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais do que a quantitativa, dando uma relevância significativa aos aspectos subjetivos. Nas palavras de Ozella (2003), deixo explicitada minha opção por este caminho de pesquisa:

Ao invés de ter como objetivo a predição, a descrição (apesar desta fazer parte como uma etapa da investigação) e o controle, a abordagem qualitativa pretende conhecer, esclarecer, entender e interpretar os processos que constituem os fenômenos, objetos de investigação (p. 122).

Segundo Minayo (2007), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (p.21), possibilitando adentrar com profundidade no fenômeno estudado. Proponho, dentro das diferentes possibilidades de pesquisa qualitativa, o método fenomenológico, perspectiva direcionada para a experiência, e que enfatiza a dimensão existencial do viver, buscando, acima de tudo, a compreensão dos significados construídos pelos sujeitos no seu contato com o mundo.

Nesta perspectiva, o experimentar é entendido como um processo “corporalmente sentido, experimentado interiormente e responsável pelo material concreto da personalidade ou seu conteúdo, formados por este fluxo de sensações corporais ou sentimentos (DUTRA, 2002, p. 372). Segundo esta autora, a experiência é uma dimensão existencial do vivido, dado que ela nos remete a tudo o que foi aprendido, experimentado e vivido pelo sujeito. Deste modo, considero que compreender a experiência de alguém é acessar a dimensão existencial do vivido, dado que ela nos remete ao experimentado e aprendido pelos sujeitos.

Na minha busca por uma metodologia que pudesse dar conta de compreender um fenômeno, e que possibilitasse uma aproximação com a experiência do outro, percebi que poderia encontrar na fenomenologia uma via de acesso. Como afirma Amatuzy (2001), “A pesquisa fenomenológica é a pesquisa do vivido” (p. 19). Além disso, me ficou claro que somente posso me ‘aproximar’ do fenômeno que busco conhecer, uma vez que meu acesso a ele se dá somente através de uma ‘versão’ de sentido narrada, que é escutada e interpretada por um outro: o pesquisador.

A Fenomenologia surgiu no final do século XIX, rompendo com o modelo cartesiano e a perspectiva metafísica, afirmando a existência de uma verdade universal, pura e imutável, possível de ser alcançada pelo homem através da razão. Para a Fenomenologia, não existe uma verdade absoluta, já que conhecemos e habitamos uma ‘representação’ do mundo, e não um mundo real (CRITELLI, 1996). Segundo Frota (1997), a fenomenologia aponta a

“impossibilidade de se produzir um conhecimento científico universal, uma vez que a universalidade se reduz a generalidades abstratas e a necessidade à frequência e repetição dos eventos observados” (p.28).

A Fenomenologia surge em oposição ao Positivismo, em que o conhecimento é considerado válido apenas quando os conceitos são construídos a partir de parâmetros lógicos e com a garantia de privação da intimidade entre os homens e o mundo. A Fenomenologia acredita que o conhecimento é possibilitado, exatamente, por meio da aceitação desta intimidade e envolvimento entre homem e mundo. Pensar, para a Fenomenologia, significa indagar, questionar, tentar compreender. Algo processual, parcial, relativo. Muito diferente do conhecer metafísico, que pretende “dominar” o conteúdo de uma matéria ou disciplina.

Para a metafísica, há a distinção entre o ser das coisas e a aparência destas. Sendo a aparência, para tal corrente, falaciosa, como se escondesse a verdadeira essência dos fenômenos. Já para a Fenomenologia, o que se mostra, ou seja, a aparência é o próprio fenômeno sujeito à produção de sentido dado pelo telespectador. Na sua aparição, o fenômeno mostra-se carregado de todos os sentidos a ele atribuído, que se interliga à história, cultura, sociedade, da qual faz parte.

Segundo Critelli (1996), o pensar fenomenológico não é privilégio somente dos filósofos. A partir dos anos 50 do século passado houve um grande desenvolvimento do enfoque fenomenológico para a Psicologia. O método fenomenológico passou a fazer parte do campo da Psicologia tendo como objetivo “procurar captar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por elas experienciadas no seu existir cotidiano” (FORGHIERI, 1993, p. 59)

Em resumo, Fenomenologia refere-se ao estudo do fenômeno. Fenômeno, por sua vez, segundo Karwowski (2005), pode ser entendido no seu sentido estrito, como aparecer, ou aquilo que se mostra por si mesmo, partindo do grego *phainestai*. Deste modo, não existe um fenômeno puro, visto que a forma como o apreendo está diretamente ligado aos meus valores, à minha história, o que colabora com a negação da neutralidade na pesquisa.

Porém, ao se falar de um método fenomenológico de compreensão de um fenômeno, vemos que não existe uma única forma de se investigar. Como afirma Holanda (2001):

Não podemos falar simplesmente de pesquisa fenomenológica como se esta fosse um conjunto único de modos de ação. Há de se destacar que existem tantas diferenças em termos de ação metodológica na fenomenologia quantas compreensões existem da própria fenomenologia (p. 42).

Assim, mesmo dentro da Fenomenologia existem divergências quanto ao modo de buscar a identificação de um fenômeno. Deste modo, enquanto Husserl buscava apreender dos fenômenos sua essência, compreendida como algo que não se perde, pois que independe do intérprete, Heidegger quer entender a vida e seus fenômenos desde si mesmo, quer participar e não “suspender” o próprio viver (Critelli, 1996).

Husserl e Heidegger são considerados dois dos principais pilares do pensamento fenomenológico. As idéias de Husserl inauguraram este método, propondo uma apreensão da realidade através de um retorno “às coisas mesmas”. Husserl acreditava na intencionalidade da consciência, argumentando ser possível acessar a essência de um fenômeno, já que ele existe, é imutável universal e não se perde com diferentes intérpretes.

Husserl e sua Fenomenologia Transcendental, acreditam ser possível buscar o sentido original de um texto e de seu significado, via intencionalidade, subjetividade e *epokè*. Segundo esta perspectiva, fazer uma interpretação fenomenológica transcendental de um texto ou fenômeno, seria identificar o pensamento inspirador e criativo de um autor, recuperando dele a intenção reveladora. Para isso, o conteúdo é transposto de uma subjetividade para a subjetividade do outro, fazendo, no entanto, uma interpretação objetiva por buscar captar a idéia de mente objetivada. Deste modo,

...é possível afirmar que a fenomenologia de inspiração husserliana coloca-se contra o subjetivismo e o relativismo, acredita no sentido de um texto que se diz o mesmo em diferentes épocas, contextos e leitores e, principalmente, que o significado da obra de um autor é imutável e reproduzível. Deste modo, fazer uma interpretação fenomenológica transcendental de um texto significa identificar o pensamento inspirador e criativo, recuperando nele a intenção reveladora (FROTA, 2001, p. 30)

Não é assim que se processa uma pesquisa fenomenológica com orientação heideggeriana. Heidegger propõe uma *epokè* da própria consciência. Em lugar da consciência, da intencionalidade, agora o que mais importa é o *dasein*, o ser-aí, que acaba por levar ao domínio da existência. Isso caracteriza um rompimento da hermenêutica ontológica de Heidegger com a Fenomenologia Transcendental de Husserl.

De um modo geral, a hermenêutica supera a fenomenologia em um ponto: descobre que existe um estrato mais original do que a subjetividade transcendental (FROTA, 1997/98). Agora busca-se encontrar-se com um fenômeno que se desvela na própria existência, já que existe uma fidelidade radical à ontologia e, somente a partir daí, posso chegar a uma compreensão do ser-no-mundo, à pertença em um âmbito dado de sentido. Além disso, para a Hermenêutica Ontológica, a redução fenomenológica não é adequada, nem possível, por deixar de lado, o modo-de-ser, preocupando-se tão somente com o conteúdo.

Com a hermenêutica heideggeriana não há uma busca pela veracidade ou validade em todos os contextos, visando a compreensão de textos ou fenômenos. Heidegger entende a verdade como *aletheia*, do grego, que significa desocultamento, desvelamento. Este processo revela-se como uma busca, que é diferente para cada olhar. Esta perspectiva é diferente da idéia de *veritas*, do latim, apresentada pela fenomenologia husserliana, que entende a verdade como adequação ou concordância. Esta distinção faz toda uma diferença entre as duas perspectivas fenomenológicas.

Buscando uma metodologia de pesquisa que dê conta de investigar um fenômeno qualquer, proponho um diálogo entre a hermenêutica ontológica de Martin Heidegger; a riqueza que as narrativas podem nos oferecer, tal como apregoa Walter Benjamin; e Hans Gadamer, com seus círculos hermenêuticos. Heidegger, com sua fenomenologia ontológica, aponta uma possibilidade real de acessar um fenômeno concreto, a partir de sua onticidade. Benjamin rompe com o modelo de sociedade tecnicista, propondo a narrativa como uma das vias de acesso à memória involuntária. E Gadamer, a partir de Heidegger, sugere um modo viável de aproximação de uma realidade.

Walter Benjamin foi um crítico ferrenho do projeto da modernidade, que acabou por moldar o homem e levá-lo a um conseqüente e progressivo distanciamento de si mesmo. Com a era moderna, a existência única cede lugar à serial. E foi isto que, na opinião de Benjamin (1993),

aconteceu com a arte na época da reprodutibilidade técnica. O que parece ter desaparecido na obra de arte é a sua aura, “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (p. 170). Com a perda da aura, perde-se a essência da obra de arte. O mesmo parece ter acontecido com o homem da modernidade. O homem parece, também ele, ter perdido sua aura, tendo se transformado em um autônomo, regido pela busca de objetivação e adaptação. O homem, sujeito da experiência, aquele que trás consigo uma sabedoria real ou acumulada, sem intervenção da consciência cooptada pelo projeto modernista parece ter desaparecido.

Na verdade, a modernidade predispõe o homem a buscar a distração, a informação, o distanciamento de si mesmo. Assim, muito do que se troca no cotidiano diz respeito aos outros e não à própria pessoa, e isso inibe a possibilidade de ascensão da memória involuntária e o domínio da memória voluntária e intencional. É no âmbito desta discussão que Benjamin acena para a possibilidade de, através da narrativa, ser novamente possível entrar em contato com a sabedoria retirada da experiência e polvilhada de belas imagens. A narrativa seria a forma artesanal de comunicação, aquela que é capaz de transmitir algo que supera a informação. Neste sentido ela é bem rica. Assim, é possível afirmar que

Há uma rivalidade histórica entre as diversas formas de comunicação. Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência. Todas estas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso de argila (BENJAMIN, 1993, vol. 3, p. 107).

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Sua sabedoria decorre da porta que se abre à memória involuntária, que se encontra ligada à experiência., à linguagem poética, conseguindo romper com a visão intelectual e consciente, autônoma e adaptada ao projeto da modernidade, sendo, assim, capaz de trazer consigo elementos universais. Traz elementos rejuvenescedores, que aparecem independentemente do esforço intelectual. Por isso, propõe-se uma passagem viva para o passado, possibilitando perceber a aura de uma coisa ou fenômeno. Além disso, a experiência plena, transmitida pela narrativa, só é alcançada pela referência à sua existência coletiva. Isso significa dizer que, enquanto escuto a experiência de narradores, ouço também uma coletividade inteira.

Na narrativa, o extraordinário e o miraculoso são contados com grande exatidão, mas o conteúdo psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como queira e, com isso, o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. O ouvinte é chamado a refletir sobre o sentido das palavras narradas. Assim, enquanto na informação a experiência não encontra abrigo, é via narrativa que ele pode surgir. Na medida em que é narrada, a experiência é re-significada e re-vivida pelo sujeito no presente. Portanto, a narrativa não se restringe ao relato de uma experiência vivida e que já acabou. Ela se reconstrói e se re-configura no momento em que é relatada.

Aquele que narra sua experiência, conta com a presença do ouvinte, o qual, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, torna-se também um narrador. A relação estabelecida na narrativa é uma relação de intersubjetividade. Como bem discute Frota (2001): “Toda narrativa traz consigo

a comunicação de um sentido, mas na relação com o outro. O sentido de uma narrativa, portanto, se amalgama à própria existência de quem a escuta, se entrelaça com a história de quem a escuta e, posteriormente, a narra” (p. 17).

Para Benjamin, a verdade é outra que a apregoada pelo positivismo. A verdade é o que é testemunhado, tornando-se veraz e legitimado pela comunidade de iguais. Assim, seu conceito de verdade rompe com o defendido pela modernidade, contemplando o mesmo sentido de *aletheia*.

A pesquisa que venho utilizando é voltada para a experiência, implicando em trazer à cena a estrutura das narrativas, o que difere radicalmente da informatização do saber, como requerida e propiciada pela articulação entre ciência e tecnologia. Nesta perspectiva, posso começar a reconhecer na experiência a via que me pode conduzir à compreensão do fenômeno que busco conhecer, através de depoimentos/narrativas. Deste modo, enquanto para o pensar metafísico toda possibilidade de conhecimento válido e fidedigno é garantido pela construção de conceitos logicamente parametrados e de uma privação de intimidade entre os homens e seus mundos, para a fenomenologia é exatamente através da aceitação da intimidade entre eles, e da sua fluidez, que se possibilita o conhecimento.

A técnica dos relatos orais, diferentemente da análise quantitativa, trouxe consigo a possibilidade de reaparecimento da aura dos fenômenos e, com ela, toda uma riqueza cultural e sabedoria da humanidade. Cabe a ela a maior fonte de conservação e difusão do saber, feita através das narrativas, capazes de encerrar em si uma primeira transposição da experiência indizível para as palavras. Porém, alerta Queiroz (1988), ao operar a passagem do oral para um signo (palavra ou escrita), instala-se um novo intermediário: o ouvinte. “Assim, do mesmo modo que desenho e palavra escrita constituem uma re-interpretação do relato oral, também o indivíduo intermediário, por mais fiel acrescenta sua própria interpretação aquilo que está narrando “(p. 17). O ouvinte, ao voltar a narrar uma mesma história, imprime nela sua marca, deixando de ocupar o lugar de quem escuta para assumir o lugar de quem narra. Depoimentos, história de vida e biografia são alguns dos formatos de relatos orais, que podem ser gravados, transcritos, sendo textualizados (BOM MEIHY, 1991) ou não, para facilitar uma aproximação.

A tese metodológica que defendo investe-se da tarefa de recolher algo que já está aí, retirando a primazia absoluta do método, assim como da subjetividade. Aqui, chego à Gadamer (1977), que propõe uma hermenêutica na qual a compreensão de um fenômeno se encontra inteiramente entremeadado pelo outro, e pelos “preconceitos” que fazem parte deste outro. Interpretar, para Gadamer, não é uma atividade peculiar do investigador, e sim uma pré-condição do homem inteligente, já que estamos, a todo momento, atribuindo sentido as coisas. Então, seu objetivo com a hermenêutica não é validar uma interpretação. Seu objetivo é entender como acontece a interpretação, saber o que é transcendental, em que condição ela acontece e qual seu caráter ontológico (MELO, 2000).

Para Gadamer, quando um pesquisador se propõe a interpretar um texto ou compreender um fenômeno, não o faz com a mente vazia. Ele parte de um “pré-saber”, que revela o modo como ele se relaciona com o mundo. Deste modo, para que exista um rigor na interpretação é necessário que o intérprete examine seus pré-conceitos e pré-juízos, quanto a sua origem. È como afirma Oliveira (1996): “Compreendemos e buscamos verdade a partir das nossas expectativas de sentido que nos dirigem e provêm de nossa tradição específica. Essa tradição, porém, não está a nosso dispor: antes de estar sob nosso poder nós é que estamos sujeitos a ela.

Onde quer que compreendamos algo, nós o fazemos a partir do horizonte de uma tradição de sentido, que nos marca e precisamente torna essa compreensão possível” (p. 228).

Melo (2000) enfatiza que a compreensão de um texto sempre se dará partindo do conhecimento prévio do mundo do intérprete, conhecimento já dado, quando ele entra em contato com um fenômeno qualquer. Assim, a tarefa hermenêutica proposta por Gadamer não consiste na busca da intenção original do autor, nem sequer desvendar as pré-concepções do pesquisador. Sua busca é na fusão de horizontes entre as pré-concepções do interprete e o próprio fenômeno ou texto investigado. Afirma o autor de Verdade e Método: “ A compreensão somente alcança sua verdadeira possibilidade, quando as opiniões prévias, com as quais ela inicia, não são arbitrárias. Por isso, faz sentido que o intérprete não se dirija aos textos diretamente, a partir da opinião prévia que lhe subjaz, mas que examine tais opiniões quanto à sua legitimação, isto é, quanto à sua origem e validade (1977, p. 272).

A fusão de horizontes proposta pela hermenêutica gadameriana implica na produção de um novo texto, mediante a adição de um sentido que lhe é dado pelo intérprete, a partir de uma interação com ele. Uma primeira interpretação acontece a partir dos pré-conceitos que temos. O intérprete entende o texto a partir de pré-juízos formados, mesmo correndo o risco de errar. A interpretação se dá pelo que já se sabe. A partir daí é possível um conhecimento do homem, da linguagem e da natureza. O interprete deve estar atento para respeitar a alteridade do texto. Como explicita Gadamer (1977):

Quem quiser compreender um texto deve estar pronto para deixar que ele lhe diga alguma coisa. Por isso, uma consciência educada hermeneuticamente, deve ser preliminarmente sensível à alteridade do texto. Essa sensibilidade não pressupõe neutralidade objetiva nem esquecimento de si mesmo, mas implica numa precisa tomada de consciência das próprias pressuposições e dos próprios pré-juízos (p. 631).

O círculo hermenêutico não é de natureza formal, não sendo subjetivo nem objetivo. Porém, descreve a compreensão como a interpretação do movimento da tradição e do movimento do interprete. Deste modo, o interprete tem uma relação com a tradição instaurada por ele mesmo, enquanto compreende, participa do seu acontecer, e é continuamente determinado por ele. É a partir disso que Gadamer entende o círculo hermenêutico não sob uma perspectiva metodológica tradicional, mas sim como um momento estrutural ontológico da compreensão do interprete.

Vemos, deste modo, como o método qualitativo vem se tornando cada vez mais rigoroso e fundamentado, apresentando-se como uma forma capaz de buscar conhecimentos científicos mais aproximados da realidade vivida. Nesta perspectiva de construção do conhecimento, a fenomenologia se apresenta como um caminho fértil, uma vez que se propõe a acessar um fenômeno que se deseja compreender a partir de seu próprio desvelar. Heidegger e sua hermenêutica ontológica oferecem fundamentos filosóficos que se prestam muito bem a construção de um método capaz de compreender uma realidade qualquer. Concordando com esta tese, Gadamer acena para uma interpretação feita através do círculo hermenêutico, privilegiando o olhar do pesquisador. Finalmente, como modo de coleta de dados, já que falamos de rigor na pesquisa qualitativa, a partir de um olhar fenomenológico, sugerimos a narrativa como uma técnica que se tem mostrado privilegiada, já que compreende a impossibilidade da dissociação do pesquisador com um fenômeno estudado.

## **Bibliografia**

AMATUZI, Mauro. **Pesquisa Fenomenológica em Psicologia**. In: BRUNS, M. e HOLANDA, A. Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas. São Paulo: Ômega, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas** (v. 3). São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOM MEIHY, José Carlos. **Canto de Morte Kaiowá** – história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

CRITELLI, Dulce. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DUTRA, Elsa. **A narrativa como técnica de pesquisa fenomenológica**. Estudos de Psicologia, Natal, vol. 7, n° 2, p. 371-378, 2002..

FORGHIERI, Yolanda. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993.

FROTA, Ana Maria. **Da Fenomenologia Transcendental à Hermenêutica Ontológica**: elementos para discussão. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 15 (1/2), v. 16 (1/2), p. 27-34, jan-dez 1997/98).

\_\_\_\_\_. **O Desalojamento e a re-instalação de si-mesmo**: um percurso fenomenológico para uma compreensão da adolescência, a partir de narrativas. São Paulo, 2001 (tese de doutorado – Universidade de São Paulo).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

HOLANDA, Adriano. **Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética**: elementos para um entendimento metodológico. In: MARIA, A; HOLANDA, A (org). Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas. São Paulo: Ômega, 2001.

KARWOWISK, S. **Gestalt-Terapia e Fenomenologia**: considerações sobre o método fenomenológico em Gestalt-Terapia. Campinas, SP: Livro Pleno, 2005.

MINAYO, M.C. (org); DESLANDES, S; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MELO, C. J. <sup>a</sup> **O Problema Hermenêutico em Verdade e Método**. Unopar Científica. Ciências Humanas, Educação, Londrina, v.1, n° 1, p. 51-59, junho, 2000.

OLIVEIRA, Manfredo. **Reviravolta Linguístico-Pragmática**. São Paulo: Loyola, 1996.

OZELLA, Sergio. Pesquisar ou construir conhecimento: o ensino da pesquisa na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A.M. (org). **A Perspectiva Sócio-Histórica na Formação da Psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura. **Relatos Oraís**: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON e Moraes, O. (org). Experimentos com História de Vida. São Paulo: Vértica, 1988.